

**O BRASIL DIMENSIONADO PELO FUTEBOL**Agnaldo Kupper<sup>1</sup>**RESUMO**

O tema futebol não recebeu, por parte da grande maioria dos historiadores e acadêmicos, atenção. Pelo menos até os anos finais da década de 1970 e início dos anos 1980. Muitos o veem como algo menor. Talvez por preconceitos adquiridos através da visão de anarquistas, anarcossindicalistas, socialistas e comunistas, que viam no esporte um fator de alienação à causa operária. Talvez por ter sido usado como veículo para a popularização de governos, especialmente no período militar. Talvez, mais recentemente, pelas denúncias de corrupção por ocasião da organização da Copa de 2014 no Brasil. Não há como negar que, particularmente no Brasil, a prática futebolística está inserida nas relações sociais e, como tal, sujeita a novas participações, a novos sentidos e a novos significados. Desta forma, é parte integrante das mudanças engendradas pelo processo histórico brasileiro. Desta forma, desprezar o tema é rejeitar o cotidiano, o lúdico, o sentimento que permeia gerações, por onde insatisfações, frustrações e explorações são extravasadas, mesmo sem clareza, de um povo que sempre lutou, que continua lutando, mesmo quase sempre seguindo a sina da perda, da derrota diária. Certo é que o futebol é um reflexo do que somos e de como temos olhos ao mundo.

**Palavras-chave:** Futebol. Proliferação. Imaginário. Controle social.

1-Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis-SP, Brasil.

**ABSTRACT**

The designed by Brazil football

The theme of football is not, on the part of the great majority of historians and academics, attention. At least until the late 1970s and early 1980s. Many see it as something minor. Perhaps because of prejudices acquired through the vision of anarchists, anarcho-syndicalists, socialists and communists, who saw in sport a factor of alienation from the cause of the working class. Perhaps because it was used as a vehicle for a popularization of governments, especially in the military period. Perhaps more recently, allegations of corruption during the organization of the 2014 World Cup in Brazil. There is no denying that, particularly Brazil, a physical practice is embedded in social relations, as such, subject to new participations, new senses and new meanings. In this way, it is an integral part of the changes engendered by the Brazilian historical process. In this way, to despise the theme is to reject the daily, the playful, the feeling that permeates generations, where dissatisfactions, frustrations and exploitations are spilled, even without clarity, of a people who always fought, who continues fighting, even almost always following the sina of loss, of daily defeat. Football is a reflection of who we are and how we look at the world.

**Key words:** Football. Proliferation. Imaginary. Social control.

E-mail do autor:  
agnaldokupper2009@hotmail.com

Endereço para correspondência:  
Av. Rio de Janeiro, 1303, apto. 204.  
Londrina-PR.  
CEP: 86010-150.

**RESUMEN**

El tema del fútbol no es, por parte de la gran mayoría de los historiadores y académicos, atención. Por lo menos hasta los años finales de la década de 1970 y principios de los años 1980. Muchos lo ven como algo menor. Tal vez por preconceptos adquiridos a través de la visión de anarquistas, anarcosindicalistas, socialistas y comunistas, que veían en el deporte un factor de alienación a la causa obrera. Tal vez por haber sido utilizado como vehículo para una popularización de gobiernos, especialmente en el período militar. Tal vez, más recientemente, por denuncias de corrupción con motivo de la organización de la Copa de 2014 en Brasil. No hay como negar que, particularmente no Brasil, una práctica física está inserta en las relaciones sociales, como tal, sujeta a nuevas participaciones, a nuevos sentidos ya nuevos significados. De esta forma, es parte integrante de los cambios engendrados por el proceso histórico brasileño. De esta forma, despreciar el tema es rechazar lo cotidiano, el lúdico, el sentimiento que impregna generaciones, por donde insatisfacciones, frustraciones y exploraciones son extravasadas, incluso sin claridad, de un pueblo que siempre luchó, que sigue luchando, incluso casi siempre siguiendo Sina de la pérdida, de la derrota diaria. Cierto es que el fútbol es un reflejo de lo que somos y del como ojos al mundo.

**Palabras clave:** Fútbol. Proliferación. Imaginario. Control social.

**Futebol: do solo britânico aos campos brasileiros**

Foi no século XVIII, com a consolidação do parlamentarismo e a Revolução Industrial, representando a vitória do capitalismo na sociedade inglesa, que começaram a ocorrer mudanças no jogo da bola. Aos dirigentes da aristocracia interessava reformular a educação então dominante no país. O futebol, esporte que vinculava disciplina e solidariedade, serviria ao propósito. Para tanto, regras fixas foram criadas.

O processo de urbanização vivido na segunda metade do século XIX na Inglaterra relaciona-se com o processo de proletarianização do futebol. Giulianotti (2002, p. 20) aponta que, entre 1820 e 1860, abriu-se um vazio no lazer

popular inglês a partir do abandono de antigos esportes praticados nas aldeias (entre eles, o adestramento de cães e a briga de galos) pela população que seguia em massa rumo às cidades em busca de emprego nas indústrias emergentes. O futebol serviria ao propósito de preencher os poucos momentos de distração.

Em 1863, surgiu o chamado futebol moderno, quando representantes de onze clubes e escolas reuniram-se e fundaram a Football Association, em Londres (daí onze jogadores em cada time). Neste mesmo ano, o futebol foi codificado em apenas quatorze regras (atualmente, são dezessete), tornadas públicas em livros e cartilhas distribuídas pelo país, como uma forma de controle sobre as emoções. Ao que consta, as regras do futebol vinculam-se ao parlamentarismo, onde o poder não está concentrado apenas em um indivíduo, mas é dividido entre setores sociais rivais, o que exige negociação e revezamento dos grupos através de leis, porém com regras de conduta e participação.

Em 1885, quando foi instituída a profissionalização no país, já estavam estruturados pelo menos mil clubes em solo inglês, com agremiações articuladas a partir da associação com o processo industrial: empresas siderúrgicas (caso do West Ham), ferroviárias (Manchester United) e armamentistas (caso do Arsenal). A partir dos britânicos, a febre futebolística espalhou-se pelos mais diversos cantos do planeta. Não é à toa que vários clubes tenham adotado nomes ingleses, caso do Banfield, Newell's Old Boys e River Plate (Argentina), Sport Club Corinthians, River e Tráns (Brasil), Everton e Green Cross (Chile) e The Strongest (Bolívia). Isto para ficarmos na América do Sul.

Berço da produção industrial, o futebol significa trabalho em equipe, diferenciando a fábrica moderna da produção familiar artesanal. Pelo menos nas primeiras fases revolucionárias industriais, um jogador de futebol, assim como um trabalhador, possuía funções específicas relacionadas ao time em que atuava devendo, assim, especializar-se em uma posição (linha de montagem)<sup>1</sup>.

João Boaventura (s/d, p.9) aponta quatro elementos do taylorismo presentes no futebol: velocidade, especialização de habilidades, cronometragem e trabalho em

<sup>1</sup> A partir do toyotismo, passou-se a exigir do trabalhador polivalência, assim como no futebol moderno passou-se a exigir o jogador multifuncional

equipe. Os gols seriam os produtos e os espectadores os consumidores.

Tal qual uma fábrica que exige disciplina do trabalhador, do jogador de futebol também se espera que siga as instruções de um treinador se não quiser perder seu posto de trabalho. O respeito à hierarquia do clube também deve ser levado em consideração, caso o jogador, como o trabalhador, não queira perder sua vaga, sempre disputada, sempre provisória.

A duração de uma partida de futebol não depende de uma contagem de pontos (caso do vôlei e do tênis), mas do cronômetro, caso da fábrica.

As últimas décadas do século XIX tiveram como uma de suas características o crescente fortalecimento das paixões nacionalistas, sobretudo nas sociedades capitalistas centrais, empreendedoras de vigorosa expansão imperialista<sup>2</sup>. Paralelamente, surgiram resistências à adoção do futebol enquanto prática esportiva. Mas por pouco tempo. O esporte proliferou, chegando à França em 1872, à Suíça em 1879, à Bélgica em 1880, à Holanda, Dinamarca e Alemanha em 1889, à Itália em 1893, ao Brasil em 1895 (de forma oficial). Na América Latina, a rápida propagação da modalidade foi facilitada pelo fato de existirem na região comunidades inglesas ligadas a empresas e empreendimentos do capitalismo inglês (Aquino, 2002).

Em poucos territórios houve resistência à penetração do jogo da bola, caso da África do Sul, Austrália, Estados Unidos da América, Canadá e Nova Zelândia (da mesma forma no mundo islâmico, onde o futebol passou a ser apreciado e a desenvolver-se apenas a partir da década de 1970, depois que o símbolo do imperialismo deixou de ser o inglês para ser o norte-americano, este até então sem grande tradição na prática).

No contexto da América do Sul, onde o futebol uma receptividade espantosa, a prática teria sido introduzida na Argentina através de Buenos Aires. No Uruguai, por Montevideu. No Chile, por Valparaíso (Guttman, 1996).

No Brasil, a existência de numerosos portos aliada ao grande território do país torna difícil precisar um local correto da introdução do futebol. No entanto, São Paulo, até pelos

investimentos ingleses, teria sido a primeira cidade brasileira a assistir pejeas disseminadas pelas suas vias, porém acompanhada bem de perto pelo Rio de Janeiro.

O futebol association foi trazido para o Brasil (especificamente, São Paulo) por Charles Miller (1874-1953), embora parem dúvidas a respeito (os gaúchos, por exemplo, afirmam que o futebol teria sido introduzido no país por Sir Artur Lawson (Cunha, 1194, p.1); de qualquer forma, o fato do Sport Club Rio Grande do Sul, fundado em 1900, ser o mais antigo clube brasileiro em atividade, não coloca o Estado como precursor da prática no Brasil, como se afirma na literatura esportiva gaúcha).

A historiografia assinala a data de 14 de Abril de 1895 para a realização do primeiro confronto oficial de futebol no país. Já o ano de 1898 assistiu à criação do primeiro clube destinado à prática em solo brasileiro: a Associação Atlética Mackenzie College (São Paulo-SP). Há referências, no entanto, de que ao final do século XIX colégios jesuítas do Rio Grande do Sul e maristas do Rio de Janeiro praticavam futebol como parte integrante dos exercícios físicos e que instituições de ensino adotavam a prática futebolística como atividade curricular (Colégio Pedro II, Delamare, Paula Freitas, Anglo-Brasileiro e Arquidiocesano). Algumas citações apontam que clérigos católicos viam no futebol uma forma de solucionar problemas disciplinares entre os discentes.

Para Hilário Franco Júnior<sup>3</sup> (2007), atribuir a introdução do futebol no Brasil a Charles Miller é querer privilegiar as elites como protagonistas da história brasileira.

O processo de introdução e proliferação espacial do futebol no Brasil acompanhou a heterogeneidade territorial do país, ou seja, a distribuição e a estrutura do sistema urbano, as conexões com o exterior, o dinamismo de cada cidade e particularmente a geografia do Imperialismo Britânico, que em determinado período imprimiu-se de forma destacada na composição técnica do território brasileiro. Somente num segundo momento é que as metrópoles nacionais nascentes passaram a atuar como difusoras do futebol<sup>4</sup>, caso de São Paulo.

<sup>2</sup> Conferir Eric Hobsbawn. Nações e nacionalismo desde 1780. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; Benedict Andersen. Nação e consciência nacional. RJ: Ática, 1989

<sup>3</sup> Hilário Franco Júnior. A Dança dos Deuses: futebol, sociedade, cultura. SP: Companhia das Letras, 2007

<sup>4</sup> Interessante observar trabalho de Gilmar Mascarenhas de Jesus: Várzeas, operários e futebol, uma outra

Mário Filho (1994) periodiza o futebol brasileiro: da introdução da prática no país, até 1910, um jogo de elite; de 1911 a 1930, a aproximação de outras camadas sociais ao esporte, excetuando-se a participação de negros e pobres que procuravam se envolver com as pejejas; a partir dos primeiros anos da década de 1930, a efetivação dos negros nos campos da prática futebolística (no que intitulou de “ascensão social do negro”). Uma observação, no entanto, à periodização de Mário Filho: na cidade de São Paulo os operários deveriam ter sido observados com mais atenção.

Joel Rufino, ao contextualizar a popularização do futebol, afirma que tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, a ambição pela prática teria sido resultado direto da intervenção dos patrões e do poder público uma vez que a emergência das greves operárias de 1917 teria feito “ver às autoridades industriais que a cidade precisava de um esporte de massas, como uma criança que se manda brincar para queimar energias” (Santos, 1981, p.22). Por esta visão, os operários teriam sido incentivados a “jogar bola” para induzir a disciplina à produção e controlar as populações urbanas.

Na mesma linha de raciocínio, Herschmann e Lerner (1993, p.35-60) elaboraram contexto que nos permite compreender que o esforço para recuperar o controle e harmonizar a produção após as greves articuladas a partir de 1917.

Nos primeiros anos do século XX, o caráter da prática era elitista, com agremiações fechadas, preenchendo o tempo livre dos filhos das famílias mais abastadas (Sevcenko, 1992). Tal elitismo pode ser demonstrado nos preços cobrados aos que desejassem se associar aos clubes familiares que foram sendo formados: altíssimos, para a época. Ao serem anunciados para uma partida (escalação), os jogadores tinham os nomes antecedidos por “senhor” (Mazzoni, 1950, p.31).

A elitização do futebol no Brasil teria um tempero racial, uma vez que a escravidão havia sido abolida há pouco anos, especificamente 1888, e o trabalho estava associado ao esforço, portanto, ligado a negros e pobres. Às elites, a associação de atividades físicas como forma de

fortalecimento da relação corpo e mente<sup>5</sup>. Em unidades como Rio de Janeiro e São Paulo, o futebol, paulatinamente, foi construindo a “marca do jogo da higiene e da saúde” (Pereira, 2000, p.52).

### **Futebol e imaginário**

Na atualidade, quando vemos noticiadas brigas entre torcedores de clubes de futebol rivais, ou que fanáticos procuram agredir atletas que não correspondem às expectativas nos times que defendem, ou que trens foram destruídos após uma partida de bola por torcedores derrotados, chego a questionar: “por que o povo brasileiro parece ter sido educado para achar que seus problemas resumem-se ao futebol?”. Talvez a pergunta deva ser colocada de forma diferente: “por que o futebol traz revolta e o desemprego e a violência, a triste condição da educação ou da previdência, a fome e a opressão, nem tanto?”. Difícil responder sem que haja um aprofundamento na questão. O fato é que (no Brasil em especial) uma derrota do time pelo qual se torce, abala tanto ou mais do que a notícia de um ataque terrorista em Paris, Madri, Nova Iorque, Londres ou Moscou. Sofre-se mais com um revés do time do coração do que com os milhões de habitantes que chafurdam na miséria ou ignorância. No Brasil, um esporte tão apaixonante que até em um funeral a bandeira do clube do coração do falecido aparece como decoração, ornamento e acompanhamento.

Talvez Wisnik (2008, p.11) tenha razão ao afirmar que “viver o futebol dispensa pensá-lo, e, em grande parte, é essa dispensa que se procura nele”.

Para aqueles que consideram o assunto futebol algo menor, acreditando existirem temas mais importantes, mais relevantes, mais salientes, uma boa desculpa para o distanciamento e soberba. Porém, acredito que o futebol (por ser um daqueles seduzidos pela prática) representa a vida: real, dramática, misteriosa e, por vezes, interessantemente alienante.

Futebol se vive, se consome e se pratica. E se sonha. Afinal, qual amante do jogo da bola nunca viveu, reviveu e imaginou jogadas pessoais espetaculares? Talvez por isso, no mundo contemporâneo, um

Geografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008

<sup>5</sup> No Brasil, o regulamento dos primeiros torneios de futebol previa que apenas jogadores alfabetizados não realizadores de trabalhos braçais poderiam atuar

espectador veja, reveja e veja de novo uma mesma jogada de efeito, um mesmo gol, um lance interessante ou bizarro (no sentido de esquisitice). Algo incompreensível para os distantes das pelepas. Um chapéu, um drible, uma ginga, podem valer mais que um gol, já que para o futebol não basta a meta, mas os fatos e os meios.

Boa parte do poder de sedução de um clube ou agremiação de futebol provém da representação que o mesmo faz do local. Seja um time de várzea, seja um Barcelona.

Fala-se, no Brasil, o “futebolês”. Para uma conversa informal, “bate-bola”; para esquecer os problemas, “bola pra frente”; para arriscar um palpite, “um chute”; para deixar algo de lado, “chutar para o alto” ou “botar para escanteio”; para se insinuar, “dar bola”; para livrar-se, “dar um cartão velho”; para mandar para longe, “dar um bico”, entre outros tantos exemplos que poderiam ser aqui citados.

Na falta de algum assunto, o futebol pode preencher vazios, não trazendo, obrigatoriamente, conclusões. Tal qual uma mesa-redonda de televisão ou rádio. Bem fez Hobsbawn ao afirmar que o futebol tornou-se a conversa social do bar, uma “língua franca” principalmente para os trabalhadores, aproveitando-se do vácuo deixado pelas esferas comunitárias em desagregação na cidade moderna (Hobsbawn, 1991, p.170).

Na condição de elemento central da cultura brasileira, o futebol marca a paisagem urbana, seja de uma grande ou de uma pequena cidade. Tal qual uma igreja, um estádio - acanhado ou monumental - tem marcante centralidade funcional e simbólica.

E por que a bola atrai tanto e a tantos? Talvez por ser perfeita em todos os lados, por não possuir rosto, por poder rolar infinitamente pelo mundo, não observando fronteiras. Esta mesma bola – elemento de desejo do praticante de futebol – que seguiu os caminhos evolutivos capitalistas, midiáticos e evolutivos, combinando a história social e econômica da prática futebolística: saiu-se de uma condição agrária para uma condição industrial, atestando a evolução contemporânea. Bola: símbolo do poder e o meio único de se chegar ao fim, usada pela publicidade como objeto do inconsciente humano, fisgando o desejo dos indivíduos para a felicidade de quem dela se apodera como meio publicitário (vide cervejarias da vida).

O Brasil digeriu o “foot-ball”, roubando-o dos ingleses. E foi graças a ele que, de reconhecido sentimento de inferioridade, ganhamos certa autoestima. Até mesmo negros e mestiços passaram a ser (mesmo que não completamente) aceitos e reconhecidos através do “jogo da bola”.

Ninguém acompanha futebol apenas para ver seu time triunfar. O fazemos para aprender a viver melhor, para compartilhar coisas boas e ruins, em um exercício que nos faz entender que não podemos controlar tudo que ocorre em nossa vida. Ao vermos nosso time derrotado, aprendemos a aceitar nossos fracassos pessoais, o que certamente nos fará lidar melhor com a vitória, entendendo que ela pode nos ser passageira. Vivemos sem termos bem a certeza da razão. De forma bem similar, torcemos para uma agremiação sem exigirmos nada em troca.

Futebol é um rito, inclusive religioso. Qual goleiro não faz suas preces? Qual jogador não possui suas manias e superstições?

Arrisco afirmar que a vida humana ocidental, principalmente a partir do século XVIII, passou a aparentar partidas de futebol: embates, tempo medido, lutas pela “titularidade” e aceitação, torcidas agindo como partidos políticos, advertências, disputas, discussões de teses, improvisos, regras e transgressões, práticas de alienação, simbologias da socialização, teatralização da vida social, encenações abstratas de guerra, entre outros. O campo é o espaço da guerra e a bola a presa desejada pelos grupos oponentes, como numa caça esportiva, onde cada bando “tenta impedir a morte simbólica de sua presa e matar a presa do outro bando” (Franco Jr., 2007b, p. 195).

O futebol moderno separou o jogo do rito que marcava uma disputa entre pré-colombianos e aborígenes. E deve ter sido visto por operários como a possibilidade de reparação das desigualdades, uma vez que no campo econômico isto parece impossível. Como uma compensação de injustiças e simbologia da aceitação: negros, brancos, franzinhos, baixinhos, altos, pesados: tudo vale na composição do time. O próprio fato de se jogar com os pés (exceção ao goleiro) pode simbolizar a dificuldade do controle. O próprio fato de se introduzir uma arbitragem (1881) e um apito (1888), representou uma forma de regulamentar as ações e o tempo, atuação próxima do Estado, que frustra a realidade como que contendo o lucro a todo custo e

renovando o jogo ao atuar no sentido de revitalizar a produção e limitar a imediatez do prazer. O árbitro deve atuar em prol da produção: cera, desperdício e poupança são ações próprias do homem no processo produtivo, o que é refletido no futebol, diferentemente de esportes com o vôlei e o basquete, onde o tempo e as ações são medidas rigorosamente, próprio de uma vida essencialmente urbana.

O futebol as assemelha às guerras ritualísticas de povos tradicionais. São disputas agonísticas, em que o importante é sobrepujar o adversário sem causar mortes. Os cantos, as bandeiras e a percussão da torcida fazem parte do ritual do jogo. Expressões utilizadas no meio deste esporte tais como “tiro-de-meta”, “canhão”, “bomba”, “ataque”, “defesa”, “artilheiro”, entre outros, são comuns e fazem parte de seu vocabulário (não espanta as táticas do jogo evoluírem de acordo com as disposições de tropas no terreno em que elas devem combater, o que pode ser observado em lutas pela descolonização da Argélia e Congo na segunda metade do século XX). Uma visão nacionalista, em que se ataca o inimigo querendo vê-lo em seu campo ou mesmo a conquista do campo adversário, como em uma guerra.

Futebol se joga como se guerreira: com as armas que se possui, com os espaços geográficos, políticos e sociais que se tem. O futebol está vinculado ao poder e à tentativa de vencer bloqueios à base da força e da estratégia. Um bom exemplo nos veio da seleção holandesa de futebol na Copa do Mundo de 1974, realizada na Alemanha: um time articulado para não guardar posição e preencher os espaços do campo do jogo, esquema que pode ter sido montado a partir das características naturais do país, com um território pequeno e constituído de regiões planas e forte presença do mar, densamente povoado. Ou seja, vira-se como pode.

Uma Copa do Mundo seria o encontro dessas armas. O Brasil, marcado pela necessidade de improvisações para a sobrevivência do indivíduo, ficou famoso por criar formas para burlar espaços e inferioridades.

Michel Houellebecq afirma que o futebol seria a saída “para as frustrações ligadas ao desaparecimento das guerras e arte para as frustrações ligadas ao surgimento da democracia” (Houellebeck, 2008, p.10). No último caso, Houellebecq refere-se a

Tocqueville, que identificou ser a democracia um regime em que é possível transformar uma sociedade em um rebanho obediente e uniforme entre si e com apenas duas preocupações: prazer e saúde.

O futebol é um esporte de fácil assimilação e improvisado. Diria anárquico. Caso sejam dispensadas as regras oficiais, joga-se como quiser. O campo de jogo pode ser adaptado, assim como as metas (gols). Dois pares de chinelas podem ser o bastante para delimitar o objetivo. O campo pode ser um pedaço de calçada ou de rua. O piso pouco importa: regular, esburacado, íngreme. O tempo é livre; pode até ser por número de tentos marcados, tal qual “vira a seis, termina a doze”. Oficialmente, onze jogadores de cada lado, mas podem ser unidos quantos jogadores se desejar ou se tiver à disposição. Com goleiro, sem goleiro, com goleiro-linha. Até a bola pode ser adaptada. Pode-se apitar por consenso. A tática pode existir, ser traída e subtraída quando o futebol é praticado por diversão, no que Arlei Damo (Damo, 2005, p.35) intitulou prática da “bricolagem”, por não reproduzir a divisão social do trabalho através das especializações das funções em campo ou fora dele nem buscar o rigor disciplinar, do tempo e das regras. Mesmos embates entre casados e solteiros podem fazer alusão ao status: os que podem e os que não podem procriar, os providos e os desprovidos de liberdade. Para Chico Buarque, no futebol os mais ricos são os donos do campo e os pobres os donos da bola; uns são equilibrados, outros equilibristas (Buarque, 2006, p.54).

Num mundo de poucas escolhas possíveis, fato é que podemos escolher um time de futebol para torcer. Não podemos, no entanto, escolher qual classe social vivenciar.

Ao contrário do basquete, do vôlei, do futebol de salão e de tantas outras modalidades, o futebol de campo é praticado ao ar livre, ao natural (embora atualmente existem arenas climatizadas e protegidas das imprevisões da natureza, caso do Atlético Paranaense), exposto à natureza, mantendo sua origem rural. Certamente porque a Revolução Industrial Inglesa baseou-se em um capitalismo agrário, em uma transição rápida, mas que não quis perder seu limiar. Para Verdú (1980, p.120), o vôlei, o handbol e o futsal são esportes transportados da intempérie para a proteção do ginásio, como uma réplica da produção industrial que cobre o mundo agropecuário (viveiros, estábulos, granjas).

José Sebreli, ao criticar a prática, afirma que “o futebol é a única coisa que dá sentido às vidas vazias” (Sebreli, 1998, p.307), apontando que o esporte serviria ao totalitarismo do poder econômico ao promover a aceitação, o trabalho alienado, a agressão, o bairrismo e o desprezo da inteligência humana. Ou seja, uma atividade supérflua que ilude e manipula.

Talvez o grande atrativo para os admiradores do esporte seja o fato de que o pequeno pode vencer, diferentemente de outros esportes coletivos. Países como o Brasil o incorporaram rapidamente, talvez como uma das únicas formas de se sentir grande, talvez porque a prática não dá o direito do vencedor de portar-se com extrema arrogância, nem ao derrotado sentir-se menor. Até porque o futebol é cíclico: uma derrota hoje pode ser rapidamente absorvida pela vitória na peleja seguinte.

Fato que só mesmo o futebol é capaz de unir pobres e ricos, capitalistas e comunistas, muçulmanos e judeus, além de inverter a ordem de importância do mundo (num encontro futebolístico, uma potência bélica e econômica pode se sentir inferior que um país sul-americano ou africano, afinal o arsenal é o mesmo para os dois, excluindo-se aí a participação da torcida, normalmente um fator de peso no desenvolvimento de um embate). Da mesma forma que une, o futebol pode proporcionar a cristalização de rivalidades (Kfoer, 2005) protestantes e católicos na Escócia (vide Rangers x Celtic), resistência catalã na Espanha (Barcelona x Real Madrid), maragatos e federalistas no Rio Grande do Sul (Internacional x Grêmio).

Num mundo globalizado como o atual, só mesmo o futebol pode identificar estilos regionais: o brasileiro, o alemão, o argentino, o holandês, o marfinense. Paolo Pasolini apontou-nos que “na Europa se joga em prosa; já o futebol sul-americano, e em particular, o brasileiro, se joga como poesia” (Pasolini, 1971).

Em países apaixonados pelo futebol, escolher um time para torcer é uma tarefa das mais difíceis, até porque a decisão será para toda a vida. Afinal, pode-se trocar de família, de profissão, de uma visão de vida, porém a escolha para um time do coração é para a vida toda.

Walter Benjamin (Benjamin, 2004) sugere que o futebol seja um jogo constituído de uma porção masculina e outra feminina. O ataque seria representado pelo caçador

(centroavante); a defesa, pelo goleiro, responsável pela proteção ao espaço que não pode ser penetrado, violado. Seguindo seu raciocínio, um goleiro que coloque uma partida a perder - tal qual uma virgem deflorada em uma sociedade mais conservadora - pode ser execrado, tal como aconteceu com o goleiro Barbosa na Copa de 1950, quando o Brasil perdeu a final em uma Maracanã abarrotado a partir de uma suposta indefinição sua.

Caso desejemos aprofundar ainda mais a tese de Benjamin, até a década de 1970 o goleiro atuava basicamente como um guardião da meta; com o avanço social do feminino - em especial a partir dos anos 80 do século passado - o guarda-metas passou a sair jogando, a participar plenamente do jogo, como líbero e até mesmo batendo faltas ou penalidades máximas. Até sua vestimenta abandonou o cinza ou o preto e coloriu-se, indo do rosa ao amarelo “marca-texto”<sup>6</sup>.

Tal qual uma relação sexual, quando se envolve, se excita, se goza. Um gol!

Talvez como a música e a dança, o futebol seja a procura pelo sentido da vida. Neste contexto, mesmo que para muitos seja uma estupidez, o jogo da bola pode ser um objeto de paixão e desafio intelectual.

“Porco”, “favelado”, “burguês”. Traduzindo: Sociedade Esportiva Palmeiras, Sport Club Corinthians Paulista, São Paulo Futebol Clube. O futebol se remete ao espectro social, às origens dos clubes. A luta, o estigma, a boa vida, são registrados sem grandes valores práticos, como uma ofensa às origens, mas que se resolve no jogo, na guerra, em que cada grupo procura se afirmar e reafirmar sobre o outro através da vitória. Se assim, a condição nos remete ao imaginário ao procurar superar diferenças sociais e reafirmar visões de mundo.

### **Futebol: controle e ideologia**

O crescimento populacional dos principais centros urbanos do Brasil, caso de São Paulo e Rio de Janeiro, seguido de mobilizações reivindicatórias de novos componentes sociais como os operários, teria exigido a popularização de um ‘esporte de massas’. Perante à nova demanda, práticas

<sup>6</sup> Indico o curta-metragem de Ana Luiza Azevedo e Jorge Furtado: *Barbosa*. Barbosa foi o goleiro brasileiro na derrota da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil. Tal qual “uma virgem deflorada” expulsa de casa, Barbosa foi considerado culpado pela derrota que chocou o país.

corporais teriam sido estimuladas – caso do futebol, que ganhava admiradores no país -, fazendo com que autoridades governamentais e dirigentes industriais convencessem-se de que a prática serviria ao propósito. Desta forma, municípios passaram a isentar de taxas os campos de futebol, patrões passaram a financiar pelepas entre seus trabalhadores e as forças policiais deixaram de reprimir rachas em terrenos vazios.

Hilário Franco Júnior (2007, p.25) ao fazer seus estudos sobre sociedade e projeção futebolística, aponta para a existência de instituições formais criadas por meio do Estado (constituição, leis, decretos e códigos) e instituições informais, criadas por determinados segmentos sociais para reger a atuação específica do indivíduo (regras, convenções, normas e costumes).

Não se deve estranhar, portanto, a multiplicação de regras esportivas a partir do século XVIII, em plena fase da explosão revolucionária produtiva industrial: corridas de cavalo, 1750; golfe, 1751; críquete, 1788; rúgbi, 1846; ciclismo, 1868; futebol, 1863. Isto porque Revolução Industrial e futebol (entre outros esportes) baseiam-se na competição, na produtividade, especialização de funções e quantificação de resultados. Ou seja, no jogo social, restrições de comportamento possibilitam o controle dos interesses individuais em nome do que passa a ser intitulado “bem comum”.

O futebol transformou-se em esporte em busca de rendimento quantitativo. Assim como a produção industrial, corpo e alma devem estar voltados para que se atinja o objetivo: produzir e defender o produzido de qualquer revés, segundo uma técnica de regulação e cálculo das ações.

Assim como no sistema produtivo, no futebol alguns realizam, outros pensam e dirigem, outros colhem os resultados. A prática do esporte em uma fábrica passa a criar o sentimento de grupo, em que pese a existência de uma hierarquia existente dentro de seu corpo. Desta forma, as tensões internas tendem a diminuir, encobrendo as contradições, gerando o que no futebol moderno intitulamos “fair play”.

Para Gerhard Vinnai (1970, p.11-23) os eventos de massa como o futebol direcionam os indivíduos para determinadas formas de conduta solidária. Enquanto fenômeno social, a prática deste esporte expressa a visão de tempo livre no desenvolvimento das forças produtivas,

refletindo sobre o exercício da realidade ao manter unidos os trabalhadores dentro do aparato industrial alienado, reproduzindo o mundo do trabalho laboral, além de organizar e controlar os homens e o mundo relacionado ao mundo do trabalho, inclusive durante o tempo em que os mesmos não estão trabalhando diretamente.

Os reticentes em relação ao futebol denunciam sua futilidade por anestesiar o espírito crítico, afastando a reflexão e a contestação, o que dificultaria as transformações sociais e políticas.

O futebol e sua proliferação fariam parte de uma estratégia dos empregadores e patrões em geral para recuperar o controle e harmonizar a produção. A atividade seria uma poderosa aliada da disciplina operária. Mesmo as atividades sexuais passam a ser regulamentadas para que não se prejudique a produção compartilhada.

Segundo Wahl (1985, p.7-30), na França houve interesse de empresários em promover a prática do futebol através da identificação entre clubes e empresas, procurando passar a imagem de “empresa-família”. Isto significaria que não apenas no Brasil procurou-se difundir a visão de integração e de ausência de conflitos.

A profissionalização do futebol trouxe empresas (clubes) que passaram a vender seus serviços (exibições), transformando o esporte em mercadoria a ser consumida. Uma vida irreal que se vende e se consome.

As próprias torcidas profissionais contemporâneas são reflexos da evolução do sistema capitalista, funcionando como um órgão do clube-empresa ao atuar como escudo protetor da mesma (consumidores fiéis que, por sua vez, atraem mais consumidores, em fidelização consumidora). À imprensa, cabe destacar os produtos, atuando com o propósito de mídia e, claro, se beneficiando dela.

Pierre Bourdieu entende o esporte moderno como um fenômeno em que se atribui posições relacionadas ao capital social, econômico e cultural de cada agente. A busca da hegemonia de determinadas práticas seria o acúmulo de uma distinção social de acordo com o seu potencial de poder simbólico. Ou seja, para se compreender o esporte, seria necessário conhecer e reconhecer a posição que determinada prática ocupa por meio da distribuição dos praticantes segundo a posição do mesmo no espaço social, apontando a necessidade de se perceber o tratamento do

esporte na condição de fenômeno inscrito em um sistema mercadológico.

O futebol institui fundamentos ocultos de dominação ao localizar a dominação masculina na legitimação dos corpos. Na verdade, uma dominação pouco evidente, o que caracterizaria uma violência simbólica. Nele, as diferenças biológicas mobilizam-se para fundamentar as diferenças entre os indivíduos de uma estrutura social. A dominação masculina no futebol (e no universo esportivo de contato físico) mostra-se através de elementos que indicam força e virilidade. Ao feminino estariam destinadas práticas esportivas reforçadoras de características estéticas, ou seja, legitimadoras da feminilidade.

## CONCLUSÃO

Talvez Garrincha tenha sido a síntese do brasileiro: uma mistura de Saci, Curupira e Macunaíma. Um ser que encontrou no futebol uma forma de se expressar, assim como o brasileiro comum: não basta ganhar ou perder, tem que se divertir.

Um país de pátrias instituídas como refúgio. O próprio clube pelo qual se torce seria uma pátria em que o brasileiro procura abrigo, apreço e justificativas para continuar.

Mesmo a busca de patrocinadores para a prática do futebol - caso dos primeiros clubes operários que buscaram no patrão subsídios - aponta para uma tendência do brasileiro: se sentir protegido ao depender de quem considera superior.

O 'homem cordial' brasileiro busca a familiaridade até nos apelidos dirigidos aos jogadores de futebol (ao menos até os anos do século XX, quando proliferam nomes compostos, talvez como forma de diferenciar e atrair investidores, próprio da mundialização capitalista): Dadá, Dedé, Didi, Dodô, Dudu, Bobô, Kaká, Nenê, Pepe, Pelé, Vavá, Zico, Pelé e tantos outros, substituindo a reverência pela proximidade. Os diminutivos - explicaria Sérgio Buarque de Holanda - também seriam uma explicação da cordialidade brasileira, com forte apego à impessoalidade: Juninhos, Joãozinhos, Zinhos, Ronaldinhos, Robinho, Cichinho etc.

Ao enxergar na herança negra uma grande vantagem, Gilberto Freyre teria dado o pontapé inicial para a construção de um novo modelo ao futebol, com a ginga e a malandragem associando-se à disciplina

européia, propiciando ao futebol brasileiro ganhar contornos únicos no planeta.

O homem cordial de Sérgio Buarque, a civilização mestiça de Freyre e a explicação periférica de Caio Prado Júnior, conjugam-se no futebol, onde o lúdico procura disfarçar a miséria e o descaso. Vale lembrar que, elitizado a princípio, o futebol irradiou-se de forma assustadora pelas várzeas e pequenos clubes, incorporando negros e mulatos de forma clandestina.

Talvez melhor do que se afirmar que o Brasil é reconhecido internacionalmente pelo seu poderio futebolístico, seja reconhecer a importância do futebol para que identifiquemos o que é relevante para o país. Quem sabe o futebol seja uma reinvenção da escravidão que assolou nossa história por séculos. A incorporação paulatina do negro na sociedade brasileira talvez seja fruto da aceitação do outro como necessário.

A admissão da malandragem como forma de sobrevivência e o uso da ginga como forma de desvencilhar-se das injustiças e desigualdades prevaleceram e prevalecem. Formas de subsistência. Suporte de vida.

No futebol, ordem e desordem se congratulam e se resolvem, diferentemente do que se espera de uma sociedade que pretenda equilíbrio.

A edificação do futebol como surto entre os brasileiros durante as duas primeiras décadas do século XX, trouxe, na década seguinte, a absorção da prática como um dos itens que poderiam constituir no país seu nacionalismo. É provável que o futebol tenha se arraigado na cultura brasileira por usar os pés, assim como rituais indígenas, como o samba e a capoeira. Talvez, também, por representar setores sociais menos favorecidos da sociedade brasileira, elevando-se como possibilidade de ascensão social, sucesso e reconhecimento.

Na condição de elemento central na cultura brasileira, o futebol tem sido capaz de gerar objetos marcantes na paisagem urbana. Também se especializa na proliferação de campos de futebol e na intensa apropriação de espaços públicos (ruas, praças, parques, praias) para a prática informal deste esporte. Nas grandes cidades brasileiras, o calendário futebolístico contribui na demarcação dos tempos e dos horizontes da vida cotidiana.

Fato é que o futebol desenhou e desenha o Brasil, quando vitórias e derrotas passaram (especialmente a partir da Copa de 1938, realizada na França) a ditar rumos e

revisões de caminhos do país. Seja no imaginário de um povo, seja no esvaziamento da luta sindical do primeiro quartel do século anterior, seja desenhando planos diretores de cidades, seja na integração do negro na sociedade brasileira (não sem percalços e guinadas, caso do goleiro Barbosa em 1950 e da euforia por Pelé oito anos mais tarde), seja sendo usado para afirmar a ditadura militar, seja como ensaio para a abertura democrática com a “democracia” corintiana, seja ensaiando o lulismo (discutido nos jogos de almoço das fábricas), seja representando a imagem do Brasil nas Copas que venceu ou perdeu. Seja num 7 a 1.

## REFERÊNCIAS

- 1-Aquino, A. Futebol uma paixão nacional. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2002.
- 2-Benjamin, W. “Brinquedos e Jogos”. In Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. Tradução de Marcos Mazzari. São Paulo. Duas Cidades/Editora 34. 2004.
- 3-Boaventura, J. C. Sociologia Desportiva: o Taylorismo no futebol. Futebol em Revista, Lisboa. Ed. Perspectivas e Realidades, s/d.
- 4-Buarque, F. “O moleque e a bola”, em Eduardo Coelho (org.). Donos da Bola. RJ. Língua Geral. 2006.
- 5-Cunha, L. B. A verdadeira História do Futebol Brasileiro. RJ. Editora Publicitária. 1994.
- 6-Damo, A. Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese de Doutorado. Porto Alegre. UFRGS. 2005.
- 7-Filho, M. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro. Forno. 1994.
- 8-Franco Junior, H. A Dança dos Deuses: futebol, sociedade, cultura. SP. Companhia das Letras. 2007.
- 9-Giulianotti, R. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo. Nova Alexandria. 2002.
- 10-Guttman, A. Games and Empires: modern sports and cultural imperialism. N. York: Columbia University Press, 1994, 275 p. Tony Mason. Passion of the people? Football in South America. London: Verso, 1995; Eduardo Santa Cruz. Origen y futuro de una pasión: futbol, cultura y modernidad. Santiago: LOM – ARCIS. 1996.
- 11-Herschmann, M.; Lerner, K. Lance de Sorte: o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque. RJ. Diadorim. 1993.
- 12-Hobsbawm, E. Nações e nacionalismo desde 1780. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; Benedict Andersen. Nação e consciência nacional. RJ. Ática. 1989.
- 13-Houellebeck, M. O soldado de Tocqueville. Folha de S. Paulo. Caderno Mais!. 03/02/2008.
- 14-Kfoer, F. Com o futebol explica o mundo. Trad. De Carlos Alberto Medeiros. RJ. Jorge Zahar. 2005.
- 15-Mascarenhas, G. A bola nas redes e o enredo do lugar. Uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado em Geografia Humana. Universidade de São Paulo. 2001.
- 16-Mazzoni, T. História do futebol no Brasil. SP. Leia. 1950.
- 17-Pasolini, P. P. Il calcio è un linguaggio com i suoi sporti e prosatori. Il Giorno, 3/01/1971.
- 18-Pereira, A. M. Footballmania: uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. RJ. Nova Fronteira. 2000.
- 19-Santos, J. R. História política do futebol brasileiro. São Paulo. Brasiliense. 1981.
- 20-Sevcenko, N. Orfeu Estático na Metrópole. São Paulo. Cia. das Letras. 1992.
- 21-Verdú, V. El fútbol: mitos, ritos y símbolos. Madri. Alianza Editorial. 1980.
- 22-Vinnai, G. Futsbollsport als ideologie. Alemanha: EuropäischeVerlagsanstalt. 1970.
- 23-Wahl, A. Le footballeur français: de l'amateurisme au salariat (1890-1926). Le Mouvement Social. Núm. 135. 1986.

**Revista Brasileira de Futsal e Futebol****ISSN 1984-4956 versão eletrônica**

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

**w w w . i b p e f e x . c o m . b r / w w w . r b f f . c o m . b r**

---

24-Wisnik, J. M. Veneno Remédio - o futebol e o Brasil. São Paulo. Cia. das Letras. 2008.

Recebido para publicação em 12/12/2018

Aceito em 20/01/2019